

Desafios para ampliação do público

entrevista com o Sec. da Cultura de SP, Marco Aurélio Garcia

Na entrevista abaixo, o novo secretário da cultura, que também é professor de História da Unicamp e Cientista Político, conversa sobre suas primeiras iniciativas na área audiovisual. A prioridade, segundo o secretário, é a formação de novos públicos para o cinema. Este foi o tema central da conversa com a equipe de Sinopse.

Sinopse: *Em artigo recente, publicado no Estado de São Paulo, o sr. enfatizou como linha mestra da política a ser adotada em São Paulo o acesso aos bens culturais. Nos parece que ao seu ver, tal política substituiria outra, a de um certo “produtivismo” que não enfrentou o abismo social da cidade, que manteve grande parte da população apartada da produção cultural. Como você pretende lidar com esse problema a nível municipal?*

Marco Aurélio: Eu não disse mais acesso e menos produção. Eu disse socialização dos bens culturais, e valorização daquilo que eu chamo de produção oculta. É evidente que no caso do audiovisual é preciso relativizar o conceito de produção oculta. A produção audiovisual é mais complexa em razão de toda a mediação técnica que ela requer, mesmo com a possibilidade do vídeo. De certa forma é mais fácil você montar uma peça teatral que produzir um curta. Então eu não me oponho a tratar de produção. Nós vamos investir nas duas coisas. No caso do cinema, o investimento na socialização será mais amplo que na produção. Por que de certa forma tornar o cinema acessível a mais gente é mais fácil de fazer.

Sinopse: *Que instrumentos a secretaria pensa em utilizar para ampliar o acesso ao cinema?*

M. A: Pretendemos utilizar os cinemas existentes e levar a eles um novo público. Temos um projeto que é um grande investimento em Escolas, nos cursos de sétima e oitava série, para levar os alunos a salas de cinema. Queremos fazer isso com a Cinemateca e com o Centro Cultural. Durante dez semanas, eles

“No caso do cinema, o investimento na socialização será mais amplo do que na produção.”

terão contato com jóias do cinema nacional, com um monitor que analise o filme e organize o debate depois. Significa tirar as pessoas de suas casas e suas escolas, e fazer com que elas se acostumem com o escurinho do cinema, que muitos não conhecem mais. Enfim, que eles tenham uma experiência cultural que a televisão não proporciona em si.

Com estes jovens voltando após dez semanas podemos pensar em viabilizar um clu-

be de cinema nas escolas, de forma que eles continuem a experiência. De preferência com o mesmo monitor, que irá ajudar a organizar. Aí, cada clube descobrirá sua vocação: se quer tomar contato com uma história do cinema universal, com os musicais, gênero absolutamente fascinante, etc... O impacto disso é formar um público de cinema diferente. Em que sentido? As estatísticas vem mostrando que o público caiu drasticamente. 70% dos brasileiros não vão ao cinema. Cada ponto que você aumentar aí, são mais 1.700.000 pessoas. O impacto para a produção brasileira é estratégico. Não haverá produção cinematográfica brasileira se não houver público. Esta é uma contribuição que pode ser feita à nível municipal, articulada à tese sistêmica de sociabilização de bens culturais. Significa uma alteração não apenas de ordem quantitativa, mas também de ordem qualitativa.

Sinopse: *Constatamos uma ausência de alfabetização audiovisual. A cultura da imagem na escola não é tratada como a cultura literária, com a qual o aluno tem contato crítico permanente. O aluno pode saber escrever, mas não conhece a “escrita” audiovisual.*

M. A: O aluno não sabe escrever. Eu me insurjo contra a substituição da escrita pelo audiovisual. Uma não preenche o lugar da outra. Elas têm funções completamente distintas. A cultura audiovisual é confundida com a cultura facilitária. Não é, o cinema é uma coisa altamente elaborada.

Sinopse: *Mas o refinamento de análise, que trate o cinema como algo elaborado, é algo que não se vê nos professores que eventualmente usam o cinema como instrumental. Esse refinamento só se vê na Universidade em poucos professores. De onde virão os quadros para exercer essa função formadora de público nas escolas, entendida como capacidade crítica e ampliação de repertório?*

M.A.: Eu quero fazer um programa para que dez mil jovens possam montar seus cineclubes. Mas mesmo na utilização instrumental você suscita a formação audiovisual. Você pega a “A Grande Ilusão” ou “Glória Feita de Sangue”, eles te ajudam a esclarecer problemas relativos a primeira guerra mundial. Você mostra como o cinema não é só o enredo. Não é preciso ser um grande crítico para perceber que o travelling é uma questão moral, como dizia Rivette.

Sinopse: *Mas os resultados são igualmente parcos em literatura e audiovisual.*

M.A: Hoje há um esgotamento formal em todas as artes. Houve um momento na história do cinema em que surgiram movimentos. Eu revi recentemente “Os Primos”, do Chabrol, um filme ingênuo mas que acoplava à utilização do jazz típica da Nouvelle Vague, um certo refinamento da imagem, retrabalhando o tema de Tristão e Isolda.

Poucos hoje contam uma história como os filmes de Truffaut. Mesmo que você não tenha uma grande cultura, o filme te ganha por envolvimento. Não é ocasional que um número expressivo de políticos tenham surgido de cineclubes. O cinema era uma janela para o mundo. Esse movimento do cinema abria novas janelas...

Sinopse: *Sim, mas para um público afinado em termos de horizonte estético e político, numa época de ativa presença cineclubística, de revistas, de cultura cinematográfica. Havia, no público, um contrapartida de formação, sem a qual esse cinema não seria possível. Hollywood vivia um crise de modo de produção, estético e ideológico. Nas últimas três décadas, houve uma reconfiguração, esse movimento do cinema internacional perdeu a batalha para uma cultura audiovisual opressiva no tripé televisão, publicidade e cinema. Ao lado, ou acima da formação cinéfila, existe a questão de uma formação crítica diante da cultura hegemônica.*

M. A: Existem duas cinefilias. Os leitores potenciais dos Cahiers du Cinema, pequeno mais significativo. Mas existe outra cinefilia, que é o público que vai ao cinema todos os sábados. Esse público é também cinéfilo a sua maneira. Existem aqueles leitores de Joyce, e aqueles que lêem qualquer coisa. Eu não acho que baste a cinefilia. Uma política cultural em direção ao cinema deveria oferecer ao espectadores potenciais elementos de desconstrução. Que as pessoas possam ir ao cinema sem prejuízo do entretenimento. Que as pessoas possam reconhecer no cinema algo que é vital pra elas. Eu não quero ganhar ninguém para a Nouvelle Vague ou para o cinema americano. O importante é oferecer alternativas,

para que o público perceba que existem outras formas de contar histórias, outras estéticas. Por trás do cinema americano durante um longo tempo havia um projeto de país, um projeto de sociedade. Não que não tenhamos isso hoje. Existem poucos instrumentos como o cinema para conhecermos a política externa americana. Por exemplo, a substituição do perigo comunista pelo narcotráfico. Os inimigos de hoje não são superpotências, mas as ONGs do crime. Eu discuti muito com meus alunos na Unicamp: peguem a série de James Bond. Há um deslocamento que acompanha as mudanças do imaginário político americano. Eu não sou crítico de cinema, estou dando opiniões como alguém que vê da poltrona.

Sinopse: *Nós poderíamos falar que a secretaria se propõe a um esforço de disputa contra-hegemônica no campo cultural?*

M. A: Sem dúvida, mas nós não estamos propondo só uma direção. Nós queremos muitas direções. Nós não temos um público que tenha capacidade de escolha. Se você leva sempre uma pessoa ao McDonalds, no dia que você servir uma coisa diferente ela vai achar um horror. Nós temos uma televisão como nenhuma outra no mundo, mas que escraviza parcelas do público.

Sinopse: *Essa televisão que ocupa 80% dos domicílios, que sem dúvida forma o público nalguma direção, e que é monopolista, não dificulta pensar uma ação restrita à formação de público? O público formado pode eventualmente ter mais escolhas, mas não encontrará escolhas na TV aberta. Que ações podem viabilizar a produção independente para a televisão?*

M. A: É uma questão sobre a qual eu não tenho uma opinião formada. Acho que temos que formar uma televisão de fato pública no Brasil, com controle público. Posso dizer o que eu não quero: uma televisão escrava do Ibope. Eu não saberia dizer se a TV Cultura corresponde ao que nós esperamos de uma Tv pública. Em certos pontos sim, em certos pontos provavelmente não. Eu não gostaria que ela ficasse submetida aos mecanismos da TV brasileira, que se deixasse formatar por desespero diante do IBOPE. Não creio que seja um problema de patrocínio. Agora, quanto à produção de cinema. Vamos supor que eu tenha que direcionar um verba de 50 milhões e eu escolha fazer filmes. Eu corro o risco de não alterar a situação em um milímetro. Eu entendo que os diretores estejam demandando um milhão, mas o que vai alterar o panorama é uma política sistêmica na área cultural, com um capítulo à parte na área audiovisual. Eu tenho condições de ajudar a criar um novo público para o cinema e eu estou disposto a fazer um amplo debate de idéias. A prefeitura não pode mudar a taxa de câmbio. A política federal pode seguir investindo fortemente na produção. Se a produção não se afirmar como contra-hegemonia, aí é culpa dos realizadores.

Sinopse: Mas a nível federal é quase impossível uma produção contra-hegemônica a partir das leis de incentivos, que delegam a pauta às mãos de agentes e assessores de marketing de grandes empresas. O modo de produção tende a

produzir uma estética, digamos, alinhada.

M. A: Eu sou crítico à isso.

“Se eu tivesse oportunidade de cobrar imposto sobre o filme estrangeiro em São Paulo, é o que eu faria.”

Sinopse: Mas a política cultural feita em São Paulo pode caminhar em direção contrária à essa linha?

M. A: É aquela história. O papa entrou na guerra. Mas com quantas divi-

sões? Com quantas divisões eu posso entrar na guerra? Eu posso entrar com tropas mingadas. Eu vou tentar interferir na formação do público, mas podemos sim procurar outras formas. Vamos fazer salas com ingressos populares, como Buenos Aires? Soluções assim eu vou ouvir e estudar. Existem certas soluções mágicas que são dispendiosas e não produzem resultados. Eu tenho que evitar grandes experiências que são panacéias. Vou financiar filmes? Se for, serão poucos.

Sinopse: Nesse sentido, o documentário tem vocação estratégica tanto para a função de revelar e sociabilizar a cidade que os paulistanos não têm acesso, como pelo baixo orçamento que é sua característica predominante.

M. A: Todas as iniciativas são dispendiosas. Eu quero pegar o dossiê cinema e estudar melhor ponto a ponto. Não é impossível que uma ópera de mediana montagem seja menos dispendiosa que um documentário. Para ela eu tenho capacidade instalada. Por outro lado, é possível que o documentário tenha mais impacto.

Sinopse: Na história do cinema brasileiro, Rio e São Paulo marcaram protagonismo nas ações políticas. Paradoxalmente, ao contrário do Rio de Janeiro, São Paulo não conseguiu formar uma política mais permanente na área de cinema

M. A: Vou inverter a pergunta, indo ao ponto central. Vocês acham que o modelo da RioFilme é uma boa solução?

Sinopse: Nos parece apenas que a prefeitura pode ter meios para pesquisar e conhecer profundamente o mercado paulistano, para pressão ou incentivo sobre as salas de exibição, via IPTU e ISS, que é possível tentar abordar a questão do cinema de forma mais abrangente...

M. A: Se eu tiver o filme da Xuxa e o filme com menos potencial tudo bem, que aí eu equaciono uma negociação, mas não é isso a realidade. Se eu tivesse oportunidade de cobrar imposto sobre o filme estrangeiro em São Paulo, é o que eu faria. Quantas pessoas vão ao cinema em São Paulo?

Sinopse: Não existem pesquisas.

M. A: Logo é preciso fazê-las. Eu estou sensível a estas idéias. E existem outras idéias circulando aí na praça. Tem gente propondo cobrar uma taxa sobre o direito de uso do solo no cabeamento de TV para formação de um fundo de audiovisual. Tem projetos caminhando nessa direção. Eu, com menos de 50 dias de gestão, não quero ficar só planejando e planejando. Quero fazer o que está agora ao meu alcance. Nesse sentido, é que a questão da formação de público é estratégica. Mas estou disposto a ouvir novas idéias.